

A fênix russa na Segunda Guerra Mundial

Cesar Benjamin

Apresentação do livro “A decisão da Segunda Guerra Mundial”,
do marechal Georgy Júkov
Contraponto, 2020

www.contrapontoeditora.com.br

Nascido em 20 de novembro de 1896 na aldeia de Ugodsky Zavod (hoje renomeada Júkov), Georgy Júkov viveu a primeira infância no limiar da completa privação e da fome. Os rendimentos dos pais, camponeses pobres, mal davam para comprar pão e sal. A alimentação da família era frequentemente complementada por sopa e mingau doados por outros moradores da aldeia. Depois do desabamento de sua choupana, foi morar num celeiro, dependendo da caça, da pesca e de trabalhos ocasionais para sobreviver.

Uma viagem solitária a Moscou o lançou na vida adulta com doze anos de idade. Tornou-se aprendiz em uma oficina de peles, morando nela, maltratado pelos mais velhos e cumprindo jornadas de doze a quinze horas diárias. Em julho de 1915, com dezenove anos, apresentou-se ao Exército Imperial para lutar na Primeira Guerra Mundial.

Trinta anos depois, aquele antigo soldado raso, já marechal, entrou em Berlim comandando a gigantesca máquina militar que derrotou o Terceiro Reich e pôs fim à Segunda Guerra Mundial, o acontecimento mais importante na história do século XX. O evento que ligou decisivamente os dois extremos dessa trajetória pessoal foi a Revolução de Outubro de 1917.

* * *

Muito ampliado por causa da guerra, o Exército Imperial foi um dos focos da Revolução. Foi nele que Júkov teve contato com os ideais bolcheviques: terra, paz e pão, todo o poder aos soviets. Afastado do serviço ativo em 1917, gravemente acometido de tifo, ao retornar no ano seguinte alistou-se como voluntário em um regimento de cavalaria da Guarda Vermelha. Participou da Guerra Civil no embrião do Exército Vermelho, que, naquele momento, reunia apenas 200 mil homens contra tropas de catorze países que haviam se juntado à Guarda Branca, organizada para restaurar o antigo poder.

Foi um Exército que se formou combatendo, muitas vezes em situações parecidas com as que voltariam a ocorrer cerca de vinte anos depois. Pois, no começo das décadas de 1920 e de 1940, por algum tempo as duas guerras pareciam perdidas.

* * *

Em março de 1919, o sargento Júkov foi aceito como membro do Partido Comunista. Durante a Guerra Civil, participou de combates intensos, foi gravemente ferido, perdeu dois cavalos em um mesmo dia, atingidos pelo fogo inimigo. Quase morreu esmagado e dilacerado por um deles, em agonia, sendo salvo pela oportuna intervenção de seus companheiros de armas.

Foi condecorado com a Ordem da Bandeira Vermelha, por bravura, porque

[...] em 5 de março de 1921, em uma batalha nos arredores da aldeia Vyazovaya Pochta, apesar do ataque de uma força oponente com 1,5 mil a 2 mil cavalarianos, deteve a investida do ini-

migo com seu esquadrão durante sete horas e, passando ao contra-ataque, aniquilou o bando após seis horas de combates corpo a corpo.

Com o fim da Guerra Civil em 1921, o Exército Vermelho liberou grande parte dos seus soldados para tarefas civis, permanecendo com 562 mil homens mobilizados, Júkov entre eles. Tornara-se um militar.

O poder passara aos conselhos. Os novos comandantes, inclusive no nível de regimentos, eram referendados em assembleias gerais. Júkov foi nomeado comandante do 39º Regimento de Cavalaria. Nessa condição, participou da consolidação do Exército Vermelho dos Trabalhadores e Camponeses (RKKA em russo), um processo longo e complexo.

* * *

Criar uma organização militar nova e eficiente não era tarefa simples. A experiência profissional de militares do velho Exército Imperial e o ímpeto renovador de operários e camponeses recém-emancipados de posições subalternas tiveram que conviver, frequentemente em conflito, enquanto se edificavam novas estruturas de poder que afetavam também a relação entre oficiais e soldados. Entre os debates novos, estavam o papel de uma figura singular, a do comissário político, e a relação entre o Exército regular e as milícias populares, formações voluntárias, vocacionadas para a guerra irregular.

O posto de comissário político foi instituído depois da Revolução de Fevereiro de 1917, pois o governo de Kerensky decidiu fiscalizar a atuação dos oficiais do antigo Exército Imperial quando o general Kornilov chefiou uma tentativa de contrarrevolução. O posto foi confirmado e fortalecido pelos bolcheviques depois da Revolução de Outubro. Desde então, o papel e a importância dos comissários oscilou em cada conjuntura, mas sempre foi significativo. Talvez como herança da prática dos velhos bolcheviques — que, incapazes de derrotar militarmente o Exército Imperial, conseguiram desintegrá-lo por dentro —, o comando soviético demonstrava preocupação especial com o trabalho político na tropa.

Pressionadas pela Guerra Civil, todas as lideranças bolcheviques concordaram em fortalecer o Exército regular, em detrimento da mentalidade guerrilheira, que persistia.

Tukhachevsky tratava a proposta de um Exército de milícias populares como uma superstição:

Os traços característicos de um Exército de milícia são o grande tamanho e a fraca eficiência na guerra. Grandes Exércitos sem um núcleo de formações militares permanentes não podem receber instrução completa em unidades regulares em tempos de paz, pois só se reúnem quando há ordens de mobilização. A introdução do sistema de milícias conduzirá à morte da União Soviética.¹

Stalin seguia a mesma linha:

Um Exército de voluntários não basta. Nossa República não conseguirá se defender com ele. Precisamos formar outro, regular, bem organizado, com espírito de disciplina, capaz de enfrentar e deter um inimigo forte.²

Trotsky, também:

A fim de treinar o Exército Vermelho, estamos trabalhando com alguns dos melhores e mais honestos dos velhos generais. Não é perigoso? Há perigo em tudo. Mas precisamos de professores que conheçam a guerra.³

Mais de 30 mil oficiais foram aceitos no Exército Vermelho, entre os 216 mil militares oriundos do Exército Imperial. A influência deles predominou até 1924, mas se projetou além disso. Boris M. Shaposhnikov, por exemplo, era coronel do Exército Imperial e se tornou um grande estrategista do Exército Vermelho, chefe do Estado-Maior quase até a Segunda Guerra Mundial.

Na plenária de janeiro de 1925 do Comitê Central do Partido Comunista, o general Mikhail Frunze alertou:

Muitos de nossos companheiros, especialmente aqueles que estiveram nas frentes da Guerra Civil, pensam que ainda vivemos naquela época. São sentimentos perigosos, pois a guerra que virá não será parecida com aquela. [...] Os métodos serão outros. Teremos que enfrentar excelentes Exércitos, armados com as técnicas mais recentes. Se não dispusermos delas, as perspectivas serão adversas.⁴

* * *

A História mostrou que Frunze tinha razão. Logo se difundiu a consciência de que era necessário estabelecer uma nova estratégia militar, na qual o Exército regular, organizado em bases territoriais, teria papel fundamental. Nesse ano adotou-se o princípio do comando unificado nas Forças Armadas. As milícias revolucionárias foram sendo desmobilizadas ou absorvidas pelo Exército, até serem extintas em 1939 para serem recriadas, na prática, depois da invasão alemã, com a missão de atuar na retaguarda inimiga.

Como a jovem União Soviética não dispunha de indústria bélica, o Exército Vermelho permaneceu vários anos equipado basicamente com o armamento herdado do antigo Exército imperial. Faltava tudo, e o que existia precisava ser modernizado. O desenvolvimento da capacidade de defesa andava em par com a industrialização, impulsionada embrionariamente a partir de 1925. Os efeitos demoraram a chegar. Até o final da década, o Exército contava com apenas 100 blindados e 350 caminhões, e quase todas as suas peças de artilharia eram canhões leves. Praticamente inexistia fogo antiaéreo.

* * *

Enquanto isso, os demais grandes Exércitos lançavam-se no estudo das experiências da Primeira Guerra Mundial. Os alemães destacaram-se nisso, talvez porque os vencidos tenham mais estímulos para inovar.

O general Hans von Seeckt, que reformou o Exército alemão na década de 1920, trabalhou sob as severas restrições impostas pelo Tratado de Versalhes, que limitava o contingente a 100 mil homens com no máximo 288 peças de artilharia de calibre não superior a 105mm, proibindo muitos tipos de armamento. Foi dele a concepção de um *Eliteheer*, ou seja, um Exército profissional de alta qualidade que pudesse se desdobrar rapidamente em um Exército maior no futuro, quando as condições permitissem, o que de fato aconteceu. Também foi dele a intuição da *Blitzkrieg* como nova maneira de operar. Ainda em 1926, escreveu profeticamente: “A guerra do futuro usará forças móveis relativamente pequenas mas de grande qualidade, que se tornarão muito mais efetivas com o uso da aviação e a mobilização de todas as forças logo no início do ataque.”⁵

* * *

A situação internacional se deteriorou gravemente no início da década de 1930, no Leste e no Oeste. O Japão invadiu a Mandchúria em 1931. Hitler chegou ao poder na Alemanha em

1933, lançando um programa econômico que incluía amplo rearmamento. Na segunda metade da década de 1930, os países fascistas estavam prontos para uma nova guerra. A Alemanha contava com 1 milhão de homens nas Forças Armadas e 2 milhões em organizações paramilitares, contingentes que poderiam ser quintuplicados em caso de mobilização geral. A ordem internacional estabelecida pelo Tratado de Versalhes já deixara de existir.

Em 1º de outubro de 1934, Hitler criou em segredo a Luftwaffe, inicialmente encoberta pela empresa de aviação civil Lufthansa. A existência da nova aviação militar alemã só foi anunciada publicamente em 11 de março de 1935, quando ela já operava 1.888 aeronaves, com mais de 20 mil homens. No mesmo ano entraram em operação as primeiras divisões Panzer, de blindados, sob a liderança do general Heinz Guderian. Desenhava-se o Exército antevisto pelo general Von Seeckt.

Enquanto isso, a doutrina francesa ainda privilegiava a manutenção de posições em uma linha defensiva e limitava a atuação dos blindados ao acompanhamento de tropas de infantaria. A maior diferença entre os dois Exércitos, em 1940, não foi o efetivo nem o armamento, equivalentes nos dois casos, mas a doutrina.

* * *

A União Soviética reconheceu os riscos que corria, principalmente por causa da evolução da situação na Alemanha. Em 1931 começou a ser implantado o primeiro plano quinquenal de reestruturação militar, que incluiu a criação da Força Aérea no ano seguinte. O número de alunos que cursavam instituições militares de nível superior passou de 3,2 mil em 1928 para 16,5 mil em 1932, período em que as fábricas de artefatos de artilharia cresceram mais de seis vezes. Entre 1933 e 1937, o número de militares em serviço ativo passou de 885 mil para 1,5 milhão, e a quantidade de divisões aumentou em dez vezes. A grande distância em tecnologia bélica entre a União Soviética e as potências ocidentais começou a diminuir.

Júkov escreveu em suas *Memórias* que em 1937 o Exército Vermelho já podia ser considerado moderno: “No que diz respeito às armas e serviços, bem como à sua estrutura organizacional, a força terrestre finalmente atingiu o nível dos Exércitos dos países capitalistas desenvolvidos.”⁶ Mas o atraso do antigo Império ainda se fazia sentir. Júkov enfatiza, por exemplo, que só nesse ano o Exército conseguiu completar a alfabetização de 100% dos seus integrantes.

No ambiente paranoico de um sistema político fechado, com instituições frágeis, 1937 foi também o ano dos grandes expurgos, baseados em delações anônimas e legitimados por julgamentos ilegais, com condenações à morte, à prisão ou ao degredo. Por causa da íntima ligação entre Partido e Exército, herança da Revolução e da Guerra Civil, os processos atingiram grande número de comandantes de tropas, integrantes de conselhos militares e comissários políticos, muitos deles bolcheviques de primeira hora.

Em 1937 e 1938, foram expurgados 3 dos 5 marechais, 13 dos 15 comandantes de Exército, 57 dos 85 comandantes de Corpos, 110 dos 195 comandantes de Divisão e 220 dos 406 comandantes de Brigada.⁷ Não se pode exagerar o impacto disso na capacidade de combate do Exército Vermelho. Com a subsequente promoção de uma oficialidade inexperiente e insegura, diminuíram o preparo e a iniciativa dos comandos.

* * *

Ainda relativamente desconhecido, Júkov escapou. Foi enviado para a Mongólia, também ocupada pelo Japão, que se movia para criar uma base continental com vista a um futuro ataque à União Soviética. Lá, o jovem general se destacou no comando das tropas russas que lu-

taram ao lado do Exército local. Ficou famosa a engenhosa combinação de camuflagem, artilharia, morteiros, blindados e apoio aéreo que Júkov usou na grande batalha de Khalkhin-Gol, determinante na derrota japonesa.

De volta a Moscou, Júkov conheceu Stalin e recebeu dele a patente de general de Exército, sendo nomeado comandante da importante Região Militar de Kiev. Logo demonstrou preocupação com o fato de que as fortificações na Ucrânia e na Bielorrússia estavam construídas muito próximas das fronteiras, sem previsão de defesa em profundidade. Os acontecimentos futuros demonstraram que ele tinha razão.

* * *

Era intensa a atividade diplomática de todas as potências, com interesses cruzados, sigilo, intrigas, cartas embaralhadas e várias possibilidades de recombinação. A falência da Liga das Nações produziu um vazio de governança, sem instâncias coletivas de consultas e coordenação entre os países. Acordos bilaterais eram assinados, mas não tinham credibilidade.

A União Soviética propôs um pacto contra o nazismo, mas ele não vingou. Em 5 de agosto de 1939, em reunião com missões militares de alto nível da Inglaterra e da França, o general B.M. Shaposhnikov apresentou o plano para o posicionamento das forças soviéticas nas suas fronteiras ocidentais em caso de um conflito. Iriam para a frente de combates, sem contar as reservas, 120 divisões de infantaria, 16 de cavalaria, 5 mil armas pesadas, 10 mil blindados, 5,5 mil aviões bombardeiros e caças, o que corresponderia a 70% das forças conjuntas dos três países, se eles fizessem um acordo. Depois da guerra, com a desclassificação de documentos sigilosos, ficou claro que as delegações inglesa e francesa estavam instruídas a prolongar as negociações, sem chegar a nenhuma conclusão. Em 23 de agosto foi assinado o frágil Pacto de Não Agressão Germano-Soviético. A União Soviética temia ficar isolada.

A guerra estava no ar, mas não se sabia quando, onde e como ela começaria. Começou em setembro de 1939, com a invasão alemã da Polônia, seguida da queda da França (e de outros países) e da retirada das tropas inglesas do continente. A Alemanha emergiu como potência vitoriosa.

* * *

Em 31 de janeiro de 1940, Júkov foi nomeado chefe do Estado-Maior Geral do Exército Vermelho. A União Soviética ainda precisava ganhar tempo para ampliar e modernizar suas Forças Armadas e sua indústria de defesa, e promover uma realocação da sua indústria, quase toda concentrada na área europeia do país. Além da produção de armamentos, *stricto sensu*, altos-fornos, refinarias, indústrias químicas, metalurgias, indústrias de alumínio e de metais não ferrosos, montadoras de veículos, tubulações, usinas elétricas, indústria pesada em geral e outras instalações de valor estratégico começaram a ser criadas nas regiões orientais ou transferidas para lá, distantes do esperado teatro de operações.

No mesmo ano, o Comissariado do Povo para a Defesa divulgou o documento “Sobre o adestramento de combate e de política das tropas”, que dava um balanço das novas formas de guerra experimentadas na Europa Ocidental e renovava as instruções de treinamento. Stalin aceitara tardiamente a ideia de que a vitória tenderia para o lado que dispusesse de mais e melhores tropas mecanizadas. O choque das duas potências, se acontecesse, envolveria Exércitos enormes deslocando-se rapidamente por vastas áreas, com apoio de blindados e da aviação.

Entre 1939 e 1941 foram criadas 125 novas divisões, elevando as forças soviéticas de defesa a mais de 4,2 milhões de integrantes. Apesar desse esforço, Stalin e o restante da liderança soviética cometeram erros e hesitações na fase anterior e no início da guerra. Havia lógica neles, principalmente por causa da obsessão de Stalin em adiar (ou mesmo evitar) o conflito armado. Talvez mais do que a Alemanha — como veremos —, a União Soviética também tinha o problema da guerra em duas frentes, pois o Japão era uma potência ascendente e extremamente agressiva. Os dois países só assinaram um pacto de neutralidade em 13 de abril de 1941, o que permitiu liberar significativas forças soviéticas que permaneciam estacionadas no Extremo Oriente.

* * *

Stalin não sabia que a primeira e principal diretiva para a Operação Barbarossa havia sido assinada por Hitler em 18 de dezembro de 1940, classificada como “ultrasecreta”. A diretiva dizia o seguinte:

As Forças Armadas da Alemanha devem estar preparadas para esmagar a Rússia Soviética numa campanha rápida mesmo antes da conclusão da guerra contra a Inglaterra.

A massa do Exército russo, na Rússia Ocidental, deve ser destruída em operações ousadas, lideradas por forças blindadas. Precisamos evitar que as unidades russas consigam se retirar na vastidão do território.

Em uma perseguição rápida, devemos chegar a uma linha a partir da qual a Força Aérea russa não possa mais atacar o território do Reich. O objetivo final é estabelecer uma linha defensiva contra a Rússia Asiática, passando pelo rio Volga e indo até Arcangel. Então, em caso de necessidade, a última área industrial deixada aos russos poderá ser destruída pela Luftwaffe.

No decorrer dessas operações, a Frota do Mar Báltico [russa] perderá suas bases [em Leníngrado] e assim estará fora de combate.

Deve-se evitar a intervenção efetiva da Força Aérea russa por meio de golpes poderosos desde o início das operações.⁸

* * *

A partir desta diretiva, o Estado-Maior alemão formatara o ataque. No primeiro semestre de 1941, os sinais da invasão alemã se multiplicaram, mas Stalin considerava que eles podiam ser parte de um plano inglês para precipitar a guerra que ele desejava adiar. Contra as solicitações dos generais Júkov e Timoshenko, comissário do povo para a Defesa, retardou, por isso, a ordem de mobilização geral, prevista nos planos do Estado-Maior, que incluíam prontidão geral de combate e deslocamento de contingentes, entre outras medidas. Segundo ele, tal movimentação poderia ser interpretada pelos alemães como o início de um ataque.

Em 15 de junho, Júkov e Timoshenko pediram novamente autorização a Stalin para deixar as tropas prontas para o combate. Nas suas *Memórias*, Júkov conta o diálogo, que esclarece bem a preocupação de Stalin:

— Nós temos um tratado de não agressão com a Alemanha — disse Stalin. — Não acredito que Hitler se atreva a criar uma segunda frente, atacando a União Soviética. Ele não é tolo a ponto de não entender que a União Soviética não é a Polônia, a França ou mesmo a Inglaterra.

Timoshenko tentou argumentar:

— E se isso acontecer? Em caso de ataque, não teremos forças suficientes nas fronteiras nem mesmo para fazer a cobertura. Não poderíamos repelir de forma organizada um ataque ale-

mão, pois a transferência de tropas para as fronteiras ocidentais, na situação atual das ferrovias, é extremamente difícil.

— Então você propõe realizar a mobilização do país, aumentar as tropas agora e movê-las para as fronteiras ocidentais? Isso já é a guerra! Vocês não compreendem isso? — respondeu Stalin.⁹

A posição de Stalin, como se vê, tinha uma lógica, mas ela continha uma contradição: ao não mobilizar as tropas para evitar a guerra, ele enfraquecia a União Soviética e estimulava Hitler a iniciar a guerra.

* * *

Entre o final de 1940 e junho de 1941, o Exército alemão formou 214 novas Divisões, com 3,5 milhões de novos soldados, o que elevou seus efetivos totais a 8,5 milhões de homens. Ao mesmo tempo, o tráfego nas ferrovias alemãs foi reprogramado para aumentar muito a capacidade de transporte de homens, blindados e outros equipamentos para o Leste.

A movimentação exigida não podia ser feita em completo sigilo. A inteligência alemã se antecipou, elaborando um sofisticado plano para convencer os russos de que estavam em curso um adestramento e um descanso de tropas que seriam lançadas contra a Inglaterra. Para dar credibilidade a esta versão, os alemães aumentaram as ameaças contra a ilha, vazaram informações sobre falsas operações, denominadas Tubarão e Arpão, espalharam rumores sobre um corpo aerotransportado que não existia, imprimiram e distribuíram, às tropas, mapas topográficos da Inglaterra, colocaram tradutores de língua inglesa em cada unidade, simularam ações de cerco de áreas do litoral inglês e instalaram na região do Canal da Mancha falsas baterias de mísseis. As forças blindadas, por sua vez, foram estacionadas a 40 milhas da fronteira soviética.¹⁰

Foi a maior manobra de desinformação da história. Os alemães conseguiram a proeza de deslocar mais de 100 Divisões para o Leste sem provocar a reação de Stalin, que, não obstante, recebia relatórios de inteligência sobre essa movimentação.

* * *

Júkov escreveu:

No final de maio de 1941, eu e Timoshenko fomos convocados com urgência ao Politburo. Acreditávamos que finalmente receberíamos permissão para colocar em alerta máximo de combate as regiões militares de fronteiras. Ficamos surpreendidos quando Stalin nos disse:

— O embaixador da Alemanha, Von Shulenburg, nos transmitiu o pedido do governo alemão para autorizarmos a realização de uma pesquisa nas sepulturas dos soldados e oficiais mortos na Primeira Guerra Mundial nas batalhas contra o antigo Exército russo. Para localizar os túmulos, os alemães criaram alguns grupos que visitarão os pontos marcados neste mapa. [...] Deem ordens às regiões militares para estabelecerem contatos com as nossas guardas de fronteira, que já receberam instruções.

Recebemos com perplexidade as palavras de Stalin. Ficamos surpresos, por um lado, com a arrogância e o cinismo do governo alemão, que decidiu, sem cerimônia, realizar um reconhecimento nas principais áreas de operações junto à fronteira e, por outro lado, com a estranha ingenuidade de Stalin. [...]

— Os alemães simplesmente pretendem olhar o terreno por onde irão nos atacar — eu disse. — A versão sobre busca de sepulturas é infantil.

Timoshenko acrescentou:

— Nos últimos tempos, os alemães têm violado nosso espaço aéreo com muita frequência. Realizam voos em profundidade sobre nosso território. Eu e Júkov acreditamos que é necessário abater esses aviões.

— O embaixador alemão nos garantiu, em nome de Hitler, que eles agora têm muitos jovens mal preparados profissionalmente na aviação. Os pilotos novos se orientam mal em voo. O embaixador pediu para não darmos muita atenção aos aviões que vagueiam — disse Stalin.¹¹

* * *

Stalin queria acreditar nos alemães, mas os sinais se avolumavam.

Em 20 de março que 1941, a inteligência soviética transcreveu para as lideranças a conversa informal de um oficial alemão com um agente cuja identidade ele desconhecia: “Estamos alterando completamente os nossos planos. Vamos virar para o Leste, contra a União Soviética. Colocaremos as mãos nos grãos, no carvão e no petróleo. Então nos tornaremos invencíveis e poderemos continuar a guerra contra a Inglaterra e os Estados Unidos.”¹²

Stalin continuou aferrado em negar as evidências. Churchill (em quem Stalin não confiava) reiterou enfaticamente que o ataque estava sendo preparado. As redes de espionagem soviética em Tóquio e em Berlim deram data e hora exatas, com um mês e uma semana de antecedência, respectivamente.

Para demonstrar suas intenções pacíficas, até o dia 21 de junho a União Soviética continuou a entregar pontualmente, à Alemanha, as cargas de carvão, grãos, derivados de petróleo e outros materiais estratégicos, tal como previsto no acordo comercial entre os dois países. No mesmo dia, um desertor alemão atravessou dois rios a nado para avisar os soviéticos do ataque iminente.

Tendo recebido informações semelhantes de outras fontes, inclusive de mais dois desertores, Stalin finalmente concordou em acionar o alerta de combate. Era tarde demais.

* * *

A partir das 3:30h de 22 de junho começaram as notícias sobre ações militares alemãs, principalmente bombardeios. Às 4:30h Júkov e Timoshenko chegaram ao Kremlin, onde já estavam os membros do Politburo. Júkov conta:

Stalin estava pálido. Sentado à mesa, segurava um cachimbo sem tabaco. Informamos a situação. Ele disse, perplexo:

— Isso não é uma provocação dos generais alemães?

[...]

O primeiro-vice-chefe do Estado-Maior Geral, general Vatutin, informou que forças terrestres alemãs, depois de intenso fogo de artilharia, haviam iniciado a ofensiva.

[...]

Em pouco tempo, Molotov [ministro das Relações Exteriores] entrou no gabinete.

— O governo alemão declarou guerra contra nós.

Stalin sentou-se à mesa em silêncio e profunda reflexão. Houve uma longa e dolorosa pausa.

[...]

— Vamos à diretiva — disse Stalin. — As nossas tropas, com exceção da aviação, não violarão em nenhum lugar as fronteiras alemãs.

Era difícil compreender Stalin. Aparentemente, ele ainda esperava evitar a guerra, que se tornara um fato. A invasão já se desenvolvia em todas as direções estratégicas.¹³

* * *

Somente às 8:00h da manhã de 22 de junho o Estado-Maior Geral conseguiu reunir dados para uma visão de conjunto preliminar. Bombardeios e batalhas estavam em curso na Ucrânia, no Báltico, na Bielorrússia e na base naval de Sevastopol, mas os comandantes russos ainda não conseguiam identificar com clareza como se desenvolvia o ataque inimigo.

Os alemães buscaram uma superioridade de quatro a seis vezes sobre os efetivos soviéticos em cada ponto de ruptura. Como previam os manuais, a ofensiva passava por quatro fases: preparação, ataque, consolidação e aproveitamento do êxito.

A participação da artilharia e do apoio aéreo ocorria em todas as fases, desde a preparação, com os bombardeios de mergulho acompanhando o avanço da infantaria e dos blindados. A aviação também atuava como uma espécie de artilharia de longo alcance, chegando na frente das demais armas e indo mais longe que elas.

Depois de um golpe inicial impulsionado pelos blindados, o assalto era conduzido pela infantaria, incluindo a motorizada, com grande concentração de forças na direção principal do esforço. Se as resistências perdurassem, os pontos fortes do inimigo eram flanqueados, para a ofensiva não se deter, cabendo aos escalões seguintes realizar novos ataques para consolidar o terreno ganho pelos primeiros escalões. As fases seguintes consistiam em enfrentar contra-ataques, destruir a segunda linha defensiva e perseguir as tropas remanescentes. Tudo isso dependia de formações dotadas de grande mobilidade.

Finalmente, começava o aproveitamento do êxito, com a penetração mais profunda e a preparação de novos combates. A escala da movimentação era medida em duas dimensões espaciais: a largura da frente e a profundidade da penetração, que, conjugadas, definiam o tempo previsto para a operação.

* * *

Havia sido um êxito na Europa Ocidental, foi um êxito na União Soviética. A posição de Hans von Seeckt — um rápido avanço com o uso maciço de blindados para evitar uma guerra de posição — tornara-se quase senso comum entre os Estados-Maiores, mas ainda não fora plenamente assimilada pelas tropas de outros países. Muitos militares ainda reagiam com base nas experiências da Primeira Guerra Mundial. Isso incluía a ideia de que uma guerra começa com escaramuças e batalhas de fronteira que antecedem a mobilização geral. Mas a doutrina de guerra alemã já era outra. Todas as forças terrestres e aéreas eram lançadas de uma só vez, sem nenhum tipo de aviso, com uma massa crítica de tropas e de poder de fogo até então desconhecidas.

Júkov comenta:

A súbita ofensiva com todas as forças disponíveis e o prévio desdobramento em todas as direções estratégicas não estavam previstos. Nem o comissário do povo para a Defesa [Timoshenko], nem eu, nem os meus antecessores, B.M. Shaposhnikov, K.A. Meretskov, nem os dirigentes do Estado-Maior Geral esperavam que o inimigo fosse concentrar tamanha quantidade de tropas blindadas e motorizadas, lançando-as, já no primeiro dia, em grupamentos compactos em todas as direções estratégicas.¹⁴

* * *

O Exército alemão entrou na União Soviética, de supetão, com 190 divisões de elite, somando 5,5 milhões de homens, 3,7 mil tanques, mais de 50 mil canhões e morteiros e quase

2 mil aviões. A isso somavam-se 12 Divisões romenas, 18 Divisões finlandesas, 3 Brigadas húngaras, 2 Divisões eslovacas e a División Azur, da Espanha. Era inevitável que um ataque de tal envergadura conseguisse ultrapassar as defesas.

As Forças Armadas soviéticas, vistas como um todo, não eram muito inferiores a isso, mas estavam espalhadas desde o Extremo Oriente à Europa, ao longo de milhares de km de fronteiras. No início da invasão, não haviam sequer concluído a fase de reestruturação e reequipamento com armas mais modernas e não estavam em prontidão de combate. Não tiveram tempo nem espaço para realizar manobras que pudessem permitir uma defesa eficaz.

As tropas invasoras, sempre apoiadas pela aviação, superaram os adversários em quantidade e qualidade nos locais certos. Logo assumiram forte iniciativa estratégica, o que lhes deu grande impulso. Nas primeiras três semanas, os alemães penetraram entre 500 km e 600 km em território soviético, conseguindo sitiar 28 divisões e impor pesadas perdas em 70 delas. Muitos comandantes perderam o contato entre si e com o Estado-Maior Central. O coronel Kotov escreveu que sua base, a 140 milhas da fronteira, foi atacada doze vezes nos primeiros dias, perdendo 30% dos aviões no solo e outros 30% no ar.¹⁵

O comando soviético também errou ao avaliar a direção estratégica principal do ataque alemão. Em vez de jogar mais peso contra a Ucrânia (grãos e carvão) e o Cáucaso (petróleo), como se previa, no primeiro momento o comando alemão concentrou suas melhores tropas na Bielorrússia, o caminho mais curto para Moscou. Queria terminar a guerra rapidamente para só depois se apossar do butim.

* * *

O tenente-general Shilovsky, do Estado-Maior, escreveu:

Na primeira fase da guerra, o Exército Vermelho, forçado a recuar para o interior, manteve a defensiva estratégica, buscando (a) ganhar tempo para o desdobramento das principais forças, (b) embaraçar, gastar e enfraquecer o inimigo, (c) criar condições para passar à ofensiva geral. A defensiva foi ativa. Em cada linha houve luta feroz, acompanhada de poderosos contra-ataques.¹⁶

Tudo isso é verdade, mas não toda a verdade. O que houve na primeira fase da guerra não foi uma retirada prevista e planejada. Houve uma retirada, muitas vezes heroica, mas em larga medida improvisada, imposta pelos reveses. Nos primeiros três meses de guerra, o Exército Vermelho perdeu quase 2 milhões de homens, 2/3 dos blindados e 3/4 dos aviões que estavam estacionados na Frente Ocidental. A sensação era de derrota.

Aqui, guardadas as proporções, a história se repetiu. A célebre defesa comandada pelo general Kutusov contra o avanço de Napoleão, em 1812, que tão fortemente marcou a história militar da Rússia, também nasceu da percepção de uma derrota iminente. Somente depois de uma defesa inicial atabalhoada essa percepção foi transformada em uma estratégia consciente, que resultou em uma grande retirada e no esfacelamento posterior do Exército francês.¹⁷

O Exército Vermelho havia estudado e atualizado essa situação. O último Regulamento de Campanha publicado antes da guerra destacava a importância da defesa móvel:

A defesa fixa tem o propósito de manter determinado terreno, quebrando o ímpeto da ofensiva inimiga e derrotando-o. Isto se obtém por meio de uma resistência obstinada, em combinação com contra-ataques previamente planejados.

A defesa móvel tem como objetivo ganhar tempo, enfraquecer o inimigo e preservar nossas próprias forças, tendo como contrapartida a perda de espaço. Ela inclui fustigamento e contra-

-ataques constantes, controle adequado da retirada e terra devastada, com destruição de todos os recursos potencialmente úteis ao inimigo.

A defesa móvel é usada nos casos em que uma evidente superioridade do inimigo exclui a possibilidade de uma defesa normal ou em larga frente [...]. A defesa móvel é conduzida com uma série de contra-ataques e de batalhas defensivas em linhas previstas com antecedência.¹⁸

Na guerra real, porém, as coisas não se passam como nos manuais. A retirada é a manobra militar mais difícil de ser executada, pois as tropas que recuam permanecem acossadas pelo inimigo, o moral delas tende a cair, e um mau passo provoca debandada.

O Alto Comando criou uma medalha especial, chamada Ordem de Kutusov, que deveria ser conferida aos comandantes que se destacassem nessa manobra. Foi insuficiente. Medidas extremas se impuseram para controlar esse movimento e conservá-lo nos limites de uma operação militar organizada. Isso incluiu criar destacamentos especiais de segurança, chamados “tropas Chon” [acrônimo de “elementos de designação especial”], tanto para impedir a infiltração inimiga entre as colunas quanto para coibir deserções. O Comissariado da Defesa estabeleceu que esses destacamentos teriam efetivos equivalentes a 1/9 das forças, ou uma companhia por batalhão.

* * *

Em 1941, Stalin e Hitler raciocinavam segundo parâmetros estratégicos opostos. O primeiro precisava ganhar tempo, enquanto o segundo precisava aproveitar a calma na Frente Ocidental, com a França derrotada e a Inglaterra reduzida a uma posição defensiva, para se apropriar rapidamente dos grandes recursos do Leste, de modo a voltar fortalecido e resolver em seguida o problema inglês. Por motivos geográficos, os Estados Unidos ficariam para depois.

A impetuosidade de Hitler, que se demonstrou desastrosa, naquele momento tinha sentido. Por causa da posição geográfica do país, a necessidade de se preparar para uma guerra em duas frentes sempre esteve presente no pensamento estratégico alemão, que, é claro, conhecia os perigos dessa situação. Na preparação da Segunda Guerra, a solução encontrada foi derrotar os inimigos alternadamente, em sucessão, evitando guerras simultâneas de alta intensidade. A Alemanha precisava travar guerras curtas e violentas, que causassem a destruição de um inimigo de cada vez, se possível em poucas batalhas decisivas. Era o chamado “princípio da aniquilação” [*Vernichtungsprinzip*].

O manual de combate *H. Dv. 487 – Führung und Gefecht der verbundenen Waffen* [Comando e combate de armas combinadas] dizia expressamente que uma situação como a da Primeira Guerra Mundial precisava ser evitada. Nada de guerra de posição em trincheiras, mas guerra móvel, com a combinação de muitas técnicas e táticas e aplicação rigorosa do *Vernichtungsprinzip*. Primazia da ofensiva, com combinação de ação frontal e cerco; defesa apenas como um interregno temporal.¹⁹

Em suma, as tropas de Hitler haviam inovado a arte da guerra ao combinarem poder de fogo, rapidez, mobilidade e flexibilidade. Ofensivas súbitas com forças blindadas, apoiadas por bombardeiros de mergulho, rompiam as defesas estáticas, cercavam as tropas atacadas, se desdobravam em todas as direções estratégicas e desorganizavam rapidamente a retaguarda inimiga.

* * *

Joachim Fest chega a inverter o raciocínio estratégico: “A guerra na Frente Ocidental foi apenas um rodeio, tornado inevitável para eliminar a eventualidade de uma ameaça na retaguarda, antes de empreender a grande campanha do Leste.”²⁰

Fest prossegue: Hitler considerava a guerra no Ocidente “absurda e inoportuna”. Esperava, como disse abertamente, que a Inglaterra concordasse com uma “paz razoável” para ficar livre para a sua tarefa essencial, “a luta contra o bolchevismo”. Em 23 de julho de 1940, Hitler transmitiu ao general Franz Halder, chefe do Estado-Maior da Wehrmacht, alguns motivos para atacar no Leste:

A Inglaterra baseia toda as suas esperanças na Rússia e na América. Se a esperança na Rússia desaparecer, desaparecerá também a esperança na América, pois a eliminação da primeira acarretará um grande aumento nas possibilidades do Japão no Extremo Oriente. [...] Se a Rússia for batida, a última esperança da Inglaterra se desvanecerá. O senhor da Europa e dos Bálcãs será a Alemanha. Conclusão: a Rússia deve ser destruída no decurso deste conflito, ainda em 1941.²¹

Fest reitera:

Em 17 de dezembro [de 1940], expondo ao general Jodl suas ideias operacionais a respeito da campanha, [Hitler] concluiu observando que “era necessário resolver todos os problemas da Europa continental em 1941, pois a partir de 1942 os Estados Unidos estariam preparados para entrar na guerra”.²²

Sempre se considerou que a Alemanha evitaria de qualquer jeito uma nova guerra em duas frentes — esta, como vimos, também era a posição de Stalin —, mas ela atacou a União Soviética exatamente para se livrar dessa ameaça. Pois, conforme Hitler dizia, não se tratava de guerrear em duas frentes: “Temos a possibilidade de combater a Rússia no momento em que nossa retaguarda está livre. Não aproveitá-la seria um crime contra o futuro do povo alemão. Estaremos em Petersburgo [Leningrado] em três semanas.”²³

* * *

A Alemanha tinha não só sua própria economia de guerra bem ajustada. Também controlava todos os recursos econômicos e estratégicos de países aliados, incluindo o petróleo da Romênia, e de regiões ocupadas, incluindo a França. Além da vantagem militar inicial, a discrepância na produção de insumos básicos era bem grande. A Alemanha e as áreas sob sua influência ou ocupação produziam 32 milhões de toneladas de aço e 439 milhões de toneladas de carvão por ano, contra 18,3 milhões e 166 milhões de toneladas, respectivamente, pela União Soviética. A capacidade produtiva alemã havia sido totalmente direcionada para o esforço de guerra, com a criação de mais de 300 grandes fábricas de artefatos militares. A produção anual ascendia a 11 mil aviões, 5,2 mil blindados, 7 mil peças de artilharia e 1,7 milhão de fuzis.

A guerra na Frente Ocidental só a fortalecera. Como ali a atividade militar era de baixa intensidade, Hitler pôde concentrar contra a União Soviética a mais poderosa força militar da história em um mesmo teatro de operações.

* * *

A ofensiva começou às 03:15h de 22 de junho. O primeiro golpe da Luftwaffe destruiu no solo a metade dos 10 mil aviões soviéticos. Blindados cruzaram as fronteiras, rompendo defe-

sas ou contornando tropas estacionadas, para pegá-las pela retaguarda. Na segunda leva viam os chamados “grupos de intervenção” das SS, cuja função era “extirpar imediatamente a *intelligentsia* judaico-bolchevique”.

Em 30 de março de 1941, ainda antes da invasão, o diário do general Halder registrou notas sobre uma fala de Hitler na Chancelaria do Reich:

Nossas tarefas na Rússia: esmagar o Exército, dissolver o Estado. Luta entre duas concepções de mundo. O comunismo, terrível perigo para o futuro. Abstrair qualquer ideia de camaradagem entre soldados. O comunista não é um camarada. Esta é uma luta em que vale tudo. Nada de julgamentos. Os chefes devem ter consciência do que está em jogo, devem ser os guias. Os comunistas são criminosos e devem ser tratados como tais. Os combates serão muito diferentes do que têm sido no Ocidente. Os chefes devem dominar seus escrúpulos.²⁴

Para garantir esta guerra de extermínio, Hitler não permitiu que a Wehrmacht administrasse os territórios ocupados. Eles foram entregues aos “comissários especiais do Reich”, subordinados às SS de Heinrich Himmler. Um decreto legalizou a tortura e o fuzilamento sumário de resistentes nessa que era, ao mesmo tempo, uma guerra ideológica e uma guerra colonial.

* * *

Em 27 de julho de 1941, um mês depois da invasão, Hitler escreveu:

Precisaremos dominar o Leste com 250 mil homens, mais um corpo de bons administradores. Devemos seguir o exemplo inglês que, com um total de 250 mil homens, dos quais 50 mil soldados, governam 400 milhões de indianos. O espaço russo será dominado pelos alemães para sempre. Tomaremos o sul da Ucrânia e a Crimeia para fazer ali uma colônia exclusivamente alemã. Não será nada demais expulsar a população que atualmente está lá. O colono alemão será um camponês-soldado. Enviarei para lá soldados de carreira de todas as especialidades. À disposição deles, o Reich colocará fazendas totalmente equipadas. O solo não nos custará nada, precisaremos construir somente as casas. Esses camponeses-soldados receberão armas, para que ocupem seus lugares ao menor sinal de perigo. Era assim que a antiga Áustria dominava os povos orientais.²⁵

Em 17-18 de setembro seguinte, ele explicitou a importância que dava ao Leste:

A luta pela hegemonia no mundo será decidida a favor da Europa com a posse do espaço russo. Com ele, a Europa será uma fortaleza inexpugnável, protegida de quaisquer ameaças de países ou blocos. Isso abre perspectivas econômicas que, podemos supor, atrairão os ocidentais mais liberais para a nova ordem. Neste momento, o essencial é conquistar. Depois, tudo será simplesmente uma questão de organização.²⁶

Em 3 de outubro, fez uma Proclamação ao Povo Alemão:

Homens e mulheres alemães!

Desde 22 de junho está em curso uma batalha de importância decisiva para todo o mundo. Só a posteridade reconhecerá a grandeza deste evento e suas implicações. Só a posteridade perceberá que ele marcou o início de uma nova época. [...]

Em agosto e setembro do ano passado [1940], ficou claro que uma prova de força com a Inglaterra, que teria mobilizado a metade da aviação alemã, não seria possível, pois atrás de nós havia um Estado que aumentava cotidianamente sua preparação para um ataque à Alemanha. Decidi dar o primeiro passo. [...]

Na madrugada de 22 de junho, começou a maior batalha da história do mundo. Desde então, passaram-se cerca de três meses e meio. Posso afirmar que tudo acontece de acordo com os nossos planos. Nunca perdemos a iniciativa. [...]

Vocês conhecem as grandes linhas de desenvolvimento deste evento único. Dois grandes grupos de Exércitos foram lançados para abrir uma passagem no centro. A tarefa de um dos grupos era avançar até Leningrado; a do outro, ocupar a Ucrânia. Essas tarefas já foram, em grande parte, realizadas. [...] Estamos a milhares de km das nossas fronteiras. Estamos a leste de Smolensk. Estamos diante de Leningrado e chegando em Moscou. Estamos no mar Negro. Nos aproximamos da Crimeia. Não são os russos que estão perto do Reno. [...] Atrás das nossas tropas estende-se um território russo duas vezes maior que o Reich alemão na época em que cheguei no poder, em 1933, ou quatro vezes maior que a Grã-Bretanha.

Os soldados alemães ganharam entre 800 km e 1 mil km de profundidade, em uma linha de batalha de extensão gigantesca, lutando contra um inimigo que, devo dizer, não é formado por seres humanos, mas por animais ou bestas selvagens. [...]

Podemos esperar que a Providência continuará conosco.²⁷

* * *

Foi Molotov, e não Stalin, quem comunicou a invasão ao povo soviético. O comandante supremo ficou em silêncio durante 15 dias, trancado com os chefes militares, esperando para conhecer o resultado das primeiras batalhas e sentir a reação do país. Quando falou, em 3 de julho, mostrou que havia compreendido a extrema gravidade da situação. Pela primeira vez, começou um discurso com as palavras “Irmãos e irmãs”:

O inimigo é cruel e implacável. Quer tomar nossas terras, regadas pelo suor dos nossos rostos, tomar o trigo e o petróleo que resultam do trabalho de nossas mãos. Quer restaurar o domínio dos latifundiários e o czarismo, tornar os povos da União Soviética escravos dos príncipes e dos barões alemães. [...] Não pode haver misericórdia com o inimigo. Em nossas fileiras não haverá lugar para chorões e covardes, alarmistas e desertores.²⁸

Então, veio o apelo impressionante, que foi levado ao pé da letra pelos combatentes soviéticos:

Em caso de retirada forçada, deve-se evacuar todo o material circulante e não deixar ao inimigo uma só máquina, um só vagão, um só quilo de trigo, um só galão de combustível. Os agricultores devem levar todo o trigo e todo o rebanho para a guarda segura das autoridades, para serem transportados à retaguarda. Todos os bens de valor, inclusive metais, trigo e combustível, que não puderem ser retirados, serão destruídos, sem exceção. [...] Nas áreas ocupadas pelo inimigo, grupos de sabotagem devem fomentar a guerra de guerrilhas por toda parte, explodir pontes e estradas, danificar linhas telefônicas e telegráficas, incendiar florestas, depósitos e meios de transportes. Criaremos condições intoleráveis para o inimigo e seus cúmplices. Eles devem ser perseguidos e liquidados em cada passo, e todos os seus planos devem ser frustrados.²⁹

* * *

As falas de Hitler e de Stalin, embora antagônicas, explicitam uma questão fundamental: a natureza da guerra no Leste, diferente de tudo o que estava ocorrendo na frente ocidental. Ela rompeu radicalmente com o que o jurista alemão Carl Schmitt, simpatizante do nazismo, veio a chamar de *jus publicum europaeum*. Tratava-se de uma ordem espacial, constituída a partir do século XVI, cujo grande feito foi a circunscrição da guerra e a relativização da inimi-

zade no espaço europeu, com a contenção do potencial destrutivo dos conflitos. Nesse espaço, desde então, a guerra passara a ser exclusivamente negócio de Estados, envolvendo Exércitos profissionais, mas preservando as sociedades.³⁰

A partir de fins do século XIX, essa ordem começa a se dissolver, processo que culmina justamente nas duas guerras mundiais. Ele se completa no conflito germano-soviético, em que a guerra se torna total e a inimizade, absoluta. Agora, uma grande potência europeia tradicional estava sob ameaça de ser exterminada.

A guerra no Leste não colocava em risco somente a União Soviética, mas a Rússia, como povo, sociedade e cultura. Se o projeto de Hitler tivesse vencido, as grandes cidades russas teriam deixado de existir, as terras do Leste Europeu teriam sido distribuídas a agricultores-soldados “arianos”, e os “eslavos” remanescentes teriam sido expulsos da Europa. Desprovidos de Estado, se tornariam uma espécie de tribo asiática sem destino certo. Nenhum outro grande povo já estabelecido territorialmente passou por esse tipo de provação no mundo contemporâneo. O povo russo entendeu isso e foi capaz de superar um desafio existencial radical.

Não devemos ironizar quando os russos se referem à Grande Guerra pela Pátria. É uma expressão justa e adequada.

* * *

Depois da derrota inicial, restou aos soviéticos a estratégia de criar defesas escalonadas em profundidade para desgastar o inimigo, impondo-lhe o máximo de baixas e interrompendo seu avanço por algum tempo em cada linha defensiva. Em Kiev e em Sevastopol, os soviéticos colocaram minas de controle remoto que explodiam quarteirões inteiros depois que eles eram ocupados pelos invasores.

Smolensk foi uma espécie de ensaio para Stalingrado. A luta, travada entre 10 de julho e 10 de setembro, custou a destruição de três Exércitos soviéticos (um deles com apenas um sobrevivente), com 290 mil baixas. Mas exauriu os alemães, que tiveram 250 mil baixas, e atrasou a ofensiva deles na direção de Moscou, permitindo fortalecer as defesas da capital. Apesar da vitória alemã, a estratégia de Hitler, de uma guerra-relâmpago, começou a ruir.

Enquanto isso, a base produtiva da União Soviética continuava a ser fisicamente transferida para regiões distantes, incluindo a Sibéria e a Ásia Central. Nada menos que 1,5 milhão de empresas, muitas de grande porte, foram transportadas para longe da frente ainda em 1941. Fábricas eram adaptadas para a produção militar, e o que era produzido seguia diretamente para as frentes de batalha. Grandes áreas do Cazaquistão, do Uzbequistão, do Turcomenistão, do Tadjiquistão, do Quirguistão e do Azerbaijão foram preparadas para o cultivo de alimentos, usando principalmente força de trabalho feminina. Os homens estavam formando novos regimentos.

* * *

Tendo já feito 2 milhões de prisioneiros, destruídos dezenas de divisões, inutilizados milhares de tanques e aviões, em vão os comandantes alemães esperavam o colapso iminente do Exército Vermelho. Quanto mais mortos, feridos e prisioneiros, mais soldados russos apareciam nas frentes de batalha.

Ao lado de Forças Armadas capazes de se expandir em quantidade e em qualidade, incorporando sem parar novos contingentes e novos artefatos industriais, a sociedade soviética contava com um Partido Comunista mobilizado, vigoroso e capilarizado, fornecedor de

quadros para as Forças Armadas e organizador de uma gigantesca resistência civil que os alemães nunca haviam enfrentado e nunca previram enfrentar. Nas vésperas da guerra havia no Exército 563 mil comunistas, e mais de 1/3 de todo o efetivo era filiado ao Komsomol [Juventude Comunista]. Nos primeiros seis meses de luta, chegaram às frentes mais 1,1 milhão de comunistas.³¹

Os soviéticos logo perceberam a importância da luta guerrilheira. Em 3 de julho de 1941, menos de duas semanas após a invasão, o Comitê Central do Partido Comunista baixou uma resolução especial, “Sobre a organização da luta na retaguarda das tropas alemãs”. Os destacamentos guerrilheiros ficaram em ligação com uma grande equipe comandada pelo marechal Voroshilov, do Estado-Maior, que coordenava a logística de apoio.

Depois que a vanguarda alemã passava, militares remanescentes e moradores civis organizavam exércitos guerrilheiros que, abastecidos por aviões, chegaram a contar com 2 milhões de combatentes. Em 1942, os alemães tiveram que usar mais de 10% de suas forças contra as unidades guerrilheiras, e em 1943 esse contingente aumentou com a chegada de 25 novas Divisões das SS, com 500 mil homens, imobilizados nos territórios ocupados. Júkov diz que, somente em 1943, as unidades guerrilheiras explodiram 11 mil trens, 22 mil veículos e 900 pontes ferroviárias, entre muitas outras ações.³² O invasor não teve trégua.

* * *

À invasão, seguiu-se também uma reorganização institucional. Em 30 de junho de 1941, criou-se o Comitê de Defesa Nacional (GKO, em russo), órgão extraordinário, uma espécie de “gabinete de guerra”, com poderes sobre todos os organismos ligados, direta ou indiretamente, à defesa nacional. Chefiado por Stalin e formado com integrantes do Politburo, concentrou todo o poder, passando a controlar o desempenho de instituições civis, inclusive empresas e canteiros de obras em todo o país. Durante a guerra, o GKO emitiu cerca de 10 mil diretrizes e resoluções de natureza econômica e militar.

Em 10 de julho, o Quartel-General do Alto-Comando foi transformado em Comando Supremo e, a partir de 8 de agosto, em Quartel-General do Comando Supremo (Stavka), com Stalin na posição de comandante e Júkov como subcomandante, com mais 12 a 14 militares de alta patente, que desenvolviam os planos estratégicos de alto nível para a condução da guerra. O Estado-Maior das Forças Armadas passou a se subordinar diretamente ao Stavka, provendo informações e detalhando as operações.

Assim, Stalin acumulou cinco funções de comando, alguma superpostas: comandante supremo das Forças Armadas, através do Stavka, secretário-geral do Partido Comunista, presidente do Conselho de Comissários do Povo, presidente do Comitê de Defesa Nacional (GKO) e comissário do povo para a Defesa. Instituiu uma rígida rotina de trabalho, recebendo duas vezes por dia uma carta de situação elaborada pelo Estado-Maior, com explicações anexadas. Controlava o que se passava em todas as frentes e na retaguarda. Trabalhava todos os dias até a madrugada.

Mas a ideia de que Stalin era um grande líder militar não se sustenta. Em questões militares, Júkov e outros generais soviéticos eram profissionais endurecidos, experimentados e completos, conhecedores do seu ofício e capazes de manter o sangue frio nas situações mais difíceis, enquanto Stalin, o chefe de todos, estava em um nível claramente mais baixo. A diferença aparecia, principalmente, no extremo cuidado dos generais antes de lançar contraofensivas. No decorrer da luta, Stalin frequentemente se deixava arrastar pela ansiedade e emitia ordens para contra-ataques prematuros, que causaram muitos problemas ao Exército Vermelho.

* * *

Hitler precisava ganhar a guerra no Leste em poucas batalhas decisivas — basicamente, a ofensiva inicial, Leningrado e Moscou —, pois a surpresa produz uma vantagem transitória, não é um fator permanente. Só pode decidir uma guerra se ela for rápida.

Em vez disso, criou-se uma situação extremamente complexa, de combates em larga escala que se prolongavam, envolvendo todas as armas e todas as formas de luta, espalhados por áreas muito extensas — campos, florestas, pântanos e cidades, no ar, em rios, lagos, mares e oceanos. Passada a primeira fase da luta, Stalin compreendeu que o tempo estava a favor da União Soviética. Foi novamente certo em um discurso em 6 de novembro de 1941:

Os alemães não possuem mais a vantagem militar que possuíram nos primeiros meses da guerra por causa do seu ataque traiçoeiro. O elemento surpresa e o caráter súbito do ataque já se esgotaram. Agora, o desfecho da guerra não dependerá de questões fortuitas, e sim de fatores permanentes: a estabilidade das retaguardas, o moral dos Exércitos, a quantidade e a qualidade das Divisões e de seus equipamentos e a habilidade dos comandos. Tudo isso está a nosso favor.³³

* * *

A imprensa alemã anunciara que a campanha duraria três meses. Mesmo depois desse prazo, Hitler e seu Alto Comando continuavam transmitindo otimismo, mas ele se tornou cadente conforme o tempo passava e as vozes dos campos de batalha começavam a chegar. A Wehrmacht havia capturado um grande território. Mas, como Clausewitz afirmava, o principal objetivo de um Exército em guerra não é avançar sobre territórios, mas destruir os Exércitos inimigos. O Exército Vermelho sofrera grandes baixas, humanas e materiais, mas continuava ativo e se fortalecendo, graças às suas imensas retaguardas.

O general Franz Halder, chefe do Estado-Maior alemão, se expressou assim no seu diário:

22 de junho. Surpreendemos o inimigo ao longo de toda a linha. O Grupo de Exércitos Centro informa a completa desorganização do comando russo. As forças deles não haviam sido dispostas taticamente para a defesa.

23 de junho. Duvido que o Alto Comando inimigo tenha controle unificado da situação. Limita-se a acompanhar os recuos locais, sob pressão dos nossos avanços. É impossível falar de um movimento geral e organizado de retirada.

24 de junho. Não há exagero em dizer que a guerra na Rússia estará ganha em duas semanas.

25 de junho. A Força Aérea inimiga está completamente fora de ação depois de suas perdas iniciais. Os relatos falam em 2 mil aparelhos.

8 de julho. O inimigo não está em condições de se estabelecer em uma posição contínua, mesmo em terrenos favoráveis. Aparentemente, o plano do Alto Comando do Exército Vermelho é controlar o avanço alemão de modo ativo na medida do possível. Está esgotando sua capacidade em contra-ataques incessantes com as reservas disponíveis.

16 de julho. Os ocupantes dos abrigos deixam-se fazer explodir, mas não se entregam. [...] Os relatórios de todas as frentes confirmam que os soviéticos estão lutando até o último homem. [...] Pela primeira vez, nossas tropas enfrentam uma resistência tremenda.

18 de julho. O inimigo está combatendo com fanatismo e invulgar determinação.

20 de julho. O inimigo se conserva ativo em bolsões em nossas retaguardas, um problema delicado.

10 de agosto. Subestimamos o inimigo. O colosso russo se preparou consistentemente para a guerra. [...] Quando a luta começou, entramos em choque com 200 Divisões. Agora já estamos enfrentando 360. Quando passamos por cima de uma dúzia delas, os russos colocam outras tantas na luta. [...] Nossas últimas reservas já foram usadas. Estamos fazendo a última tentativa para impedir que nossas frentes se transformem numa guerra de posição.³⁴

No dia 19 de agosto, o general Buhle informou a Halder que somente 60% dos blindados do Grupo de Exércitos Centro permaneciam operacionais e a artilharia tinha dificuldades para acompanhar o avanço das tropas: “O declínio do poder de combate das divisões de infantaria é da ordem de 40% e o das divisões blindadas atinge 50%.” No dia 24, Halder anotou: “Nossas divisões blindadas têm agora tão pequeno poder de combate que não contam com pessoal para manter as áreas conquistadas.”

A partir daí, as tropas continuaram a avançar, mas as dificuldades aumentaram: em setembro, o Grupamento de Blindados n. 2 informou a perda de 25% dos seus tanques, enquanto a Força Aérea reportava que contava com somente 995 aviões em condições de voar, no lugar dos 1.900 originais. Em dezembro, quinto mês da invasão, os alemães registraram 830 mil baixas acumuladas, equivalentes a 25% de suas tropas no Leste. “As tropas estão apáticas, a situação é desalentadora”, escreveu o general Von Kluge.

Em maio de 1942 o general Buhle informou que “nossas reservas de tanques terminaram”. Os problemas de logística aumentaram. Em 17 de janeiro de 1942, Halder escreveu: “A situação das ferrovias é desastrosa. A ação guerrilheira impede o deslocamento seguro das composições.”

* * *

Na época, a metade da população soviética ainda era formada por camponeses, maioria nas Forças Armadas, especialmente na infantaria. O tenente-general Martel, observador militar da Inglaterra no teatro de operações, percebeu a importância disso:

Os homens [do Exército Vermelho] provavelmente são o melhor material do mundo para se formar um Exército. Antes de tudo, são camponeses acostumados a viver em campo aberto. Raramente perdem a direção. Fazem uso adequado do terreno e se escondem com muita facilidade. Ninguém deve duvidar de sua bravura no campo de batalha, mas o mais impressionante é sua resistência. As tropas russas executaram marchas forçadas para escapar da destruição pelas forças alemãs no movimento de pinças de 1941, fazendo 30 a 40 milhas por dia, durante muitos dias, carregando grande quantidade de material nas costas. Se dermos um fuzil a um soldado russo e a mesma arma a um alemão, o russo vencerá.³⁵

O marechal de campo Paul Ludwig von Kleist, alemão, confirma a impressão do colega inglês:

Os russos são atiradores de primeira linha. Com a experiência, tornam-se soldados de primeira classe. Combatem mais resolutamente, com mais resistência, e podem levar adiante certas iniciativas que em outros Exércitos exigiam mais recursos.³⁶

* * *

As tropas soviéticas tinham outras vantagens. Combatendo durante quase toda a guerra em seu próprio território, com apoio de seu povo e num teatro de operações cada vez mais extenso, elas superavam as alemãs, de longe, nas artes da camuflagem e da dissimulação, na logística e nos trabalhos de inteligência, sem falar na dimensão política e estratégica da luta, que os invasores sempre subestimaram. Operando muitas vezes às cegas, os comandantes alemães eram forçados a se preparar para as ações soviéticas potencialmente mais perigosas, e não para as mais prováveis, o que dificultava a otimização das decisões.

Os soviéticos usavam muita desinformação. As tropas movimentavam-se durante o dia numa direção e à noite marchavam para outra. Movimentos de última hora frequentemente enganavam o inimigo em relação à direção de um ataque. Relatório do Serviço Secreto Alemão sobre “Índícios de Ataques Soviéticos” dizia:

Além de eficiente camuflagem, os movimentos decisivos são realizados à noite. As tropas usadas nunca são reunidas logo atrás do setor a ser rompido, mas frequentemente junto a outros, de valor secundário ou sem importância. O uso de ordens escritas nas operações é proibido antes dos ataques. Os blindados ficam em florestas, camuflados e abrigados. A preparação de cada ataque inclui um plano de dissimulação que fica a cargo do estado-maior. As posições de bateria são preparadas em vários setores da frente e ocupadas por armas falsas, e a partida das tropas para o ataque é disfarçada por meio de ruídos falsos.³⁷

Isso durou toda a guerra. O resultado das batalhas decisivas de Stalingrado e de Kursk foi influenciado por esse tipo de logro. Em Stalingrado, os alemães não foram capazes de detectar a preparação de uma contraofensiva que envolveu o deslocamento de 10 Exércitos combinados, 2 Exércitos blindados, 4 Forças Aéreas, 3 Exércitos de cavalaria, mais de 15 mil peças de artilharia e morteiros, 1,5 mil blindados e canhões autopropulsados e 1,4 mil aviões de combate. Tudo se movimentou sempre à noite, em segredo, protegido dos voos de reconhecimento da aviação alemã.

Em Kursk, de acordo com o major-general Formichenko,

[...] no verão de 1943, quando as tropas soviéticas se preparavam para repelir os ataques inimigos, camuflaram suas posições de modo perfeito. Os aviões de reconhecimento alemães só viam campos vazios, mesmo voando baixo. Mas nessas áreas estavam regimentos soviéticos inteiros, com artilharia, morteiros e blindados, muito bem escondidos. [...] Quando os alemães desencaderam sua ofensiva em Kursk, desconheciam a localização das defesas soviéticas. Os comandantes russos enganaram o inimigo não somente com perfeita camuflagem de suas posições defensivas, mas também por terem construído posições falsas — cerca de 1,5 mil falsas trincheiras, posições de baterias, postos de observação, cerca de 900 blindados e 200 aviões, todos falsos. Os alemães foram completamente enganados. Sua artilharia e seus aviões bombardearam posições onde não havia nada.³⁸

O Exército soviético fabricou 5 mil réplicas de blindados e 2 mil de aviões, além de construir falsos hangares e aeroportos. Tiros diversionistas eram muito usados para falsear um setor incumbido de um ataque e atrair o fogo inimigo, revelando as posições dele. A proteção da noite e cortinas de fumaça eram largamente usadas para encobrir o movimento de tropas, como ocorreu na travessia do Donetz no verão de 1943. Tudo isso contribuiu para aumentar as dificuldades dos alemães.

* * *

Era uma luta de gigantes. Em novembro de 1942, os alemães mantinham na União Soviética 266 Divisões, com 6,2 milhões de homens, quase 52 mil peças de artilharia e morteiros, mais de 5 mil blindados e 3,5 mil aviões. Na mesma época, a União Soviética tinha mobilizados 6,6 milhões de homens, 78 mil peças de artilharia e morteiros, 7,4 mil blindados e 4,5 mil aviões. Dezenas de milhões estavam na retaguarda. No primeiro ano e meio de guerra, as ferrovias transportaram 6,35 milhões de vagões com material militar, enquanto os aviões conduziram 532 mil combatentes. É extraordinariamente difícil manter Exércitos de 6 milhões de homens em operação, sob fogo inimigo, como massas organizadas e móveis, compactas em certas áreas, respondendo a comandos centralizados.

Havia muitas diferenças entre os dois Exércitos. Uma delas era o uso da cavalaria. Na Alemanha, exercícios militares realizados em 1933 haviam mostrado a inefetividade da combinação de cavalaria com tropas motorizadas, pois a primeira não conseguia acompanhar as segundas, criando problemas insuperáveis de logística e de coordenação. A cavalaria foi declarada obsoleta e levada a se adaptar ao transporte motorizado. Os alemães haviam mecanizado todas as suas Divisões antes de junho de 1941, com exceção de uma. Mas o Exército Vermelho manteve suas Divisões de Cavalaria, usando-as frequentemente de forma combinada, mobilizando 18 mil a 20 mil cavaleiros. Foi uma singularidade. Durante a guerra, os soviéticos aumentaram cada Divisão de 4,5 mil para 5,5 mil cavaleiros, sem diminuir sua mobilidade. A cavalaria soviética fazia incursões profundas e prolongadas nas retaguardas alemãs, com bastante êxito, conforme o testemunho, inclusive, de generais alemães.

* * *

A Wehrmacht dispunha de uma doutrina tática e operacional muito avançada, condensada, como vimos, na expressão *Blitzkrieg* [guerra-relâmpago]. Foi um dos Exércitos mais eficientes de todos os tempos, combinando blindados, forças motorizadas e aviões em manobras novas e ousadas. Um dos conceitos-chave da organização militar alemã era o de *Auftragstatik*, que não tem tradução exata, mas quer dizer aproximadamente “ordem de tipo-missão”. Os comandantes deviam orientar os subordinados sobre quais eram os objetivos e em que prazo eles deveriam ser atingidos, sem necessariamente orientá-los sobre como atuar. Isso garantia a flexibilidade tática e incentivava o espírito de iniciativa dos comandos intermediários.

Brilhantes nos aspectos táticos e operacionais, os comandantes alemães falharam em aspectos estratégicos. Os soviéticos sempre consideraram que o ponto fraco da *Blitzkrieg* era a desatenção dos alemães em relação às reservas, como se fosse possível manter o ímpeto inicial até a vitória. Nesse aspecto crucial, duas doutrinas se chocaram.

Em dezembro de 1942, os alemães ocupavam 1,8 milhão de km² de território soviético, onde antes da guerra viviam 80 milhões de pessoas. Mas seu avanço já estava bloqueado em todas as direções. As baixas chegavam a 2,5 milhões de mortos, feridos e desaparecidos entre as melhores tropas da Wehrmacht. Conforme ela avançava, suas manobras perdiam eficiência, pois a aviação não conseguia mais garantir cobertura plena a linhas terrestres bifurcadas demais e estendidas demais.

O Exército Vermelho, por sua vez, mantinha grandes reservas, justamente o que as forças alemãs não tinham. Para os alemães, lançar tropas novas numa batalha ou deslocar tropas de um ponto ao outro era lidar com um cobertor curto. Para os soviéticos, não. Júkov é claro:

A principal ferramenta de combate, que mudava radicalmente uma situação estratégica de forma inesperada pelo inimigo, era e continuou a ser, durante toda a guerra, o uso das reservas

do Quartel-General. O engajamento das reservas estratégicas nas batalhas só ocorria quando ficava clara a direção principal.³⁹

* * *

Grandes reservas têm um sentido estratégico — e não apenas tático — fundamental. Elas dão, ao comando, os graus de liberdade que ele precisa para definir o golpe principal, aquele que ocorre onde e quando a derrota inimiga é mais decisiva. Esse golpe exige mobilizar, de maneira combinada, diferentes tipos de forças no local e no momento certos. Sua determinação não é trivial. É o fundamento da própria estratégia.

Por isso, entre as três grandes frentes em que o Exército Vermelho estava organizado em Moscou, uma delas era a Frente Reserva. Em novembro de 1942, ela reunia, disponíveis, 27 Divisões de Infantaria, 5 Corpos de Exércitos blindados e mecanizados e 6 Brigadas independentes de infantaria. Além delas, os soviéticos mantinham reservas táticas, operacionais, organizadas no nível de divisões ou mesmo de unidades menores. Elas tinham três tarefas principais: (a) em situações de defensiva, “costurar” as tropas, preenchendo lacunas e impedindo que o inimigo conseguisse romper as formações; (b) em situações de ofensiva, repelir qualquer tentativa de contra-ataque; (c) depois de uma vitória, garantir o aproveitamento do êxito, consolidando posições ganhas e reforçando a perseguição dos inimigos em retirada.

O Alto Comando alemão havia se preparado para uma guerra rápida. A inesperada resistência soviética levou-o a uma posição errática. Vimos que a dura batalha em Smolensk havia desviado para lá parte das tropas que deviam seguir direto a Moscou. Veremos que, diante do impasse em Leningrado, o Alto Comando alemão optou por retirar da Frente Norte grande parte da Força Aérea e das tropas blindadas para reforçar o ataque a Moscou, que antes havia sido desfalcado. A derrota em Moscou transformou o petróleo do Cáucaso — leia-se, Stalingrado — em prioridade. A derrota em Stalingrado renunciou a uma nova inflexão estratégica, com os soviéticos passando a lutar para a frente e os alemães para trás.

* * *

Hitler tentou retomar a ofensiva no saliente de Kursk, onde perdeu novamente. Pesava decisivamente a desmedida extensão das linhas de um Exército cuja doutrina sempre privilegiara a ofensiva. Se levarmos em conta todo o teatro da guerra, essas linhas iam do norte da África à Noruega e dos Bálcãs ao Canal da Mancha, tangenciando Moscou, no interior, e incluindo o Atlântico Norte.

O contrário ocorria com os soviéticos, detentores de reservas estratégicas que eram lançadas na luta, em qualquer lugar, sem desfalcas as forças combatentes. Não era um conhecimento empírico, feito de experimentação e erro. Era doutrina. O Regulamento de Combate do Exército Vermelho dizia:

É impossível lutar em toda parte com a mesma força. É preciso garantir superioridade decisiva sobre o inimigo na direção fundamental por meio de uma reorganização de forças e de meios. Nos pontos secundários, cabe usar somente as forças indispensáveis à cobertura exigida. O combate ofensivo exige a coordenação do maior número de forças e de meios e a obtenção de uma superioridade esmagadora na direção do esforço principal.⁴⁰

À estratégia alemã de um único golpe devastador que depois se desdobrava no tempo, restou aos soviéticos contrapor contragolpes sucessivos, de intensidade crescente. O poderoso

Exército alemão não poderia ser aniquilado em uma ou poucas batalhas, mas, como o de Napoleão, poderia ser minado em muitas campanhas.

Nas condições em que a guerra foi travada na frente ocidental, a doutrina alemã foi eficaz. No Leste, prevaleceu a estratégia soviética:

Nossa vitória nasceu de manobras bem-feitas com reservas estratégicas e graças a um sistema muito bem estruturado de forças. As guerras não são ganhas por quem lança todas as suas forças nas primeiras batalhas, mas sim por quem as usa sucessivamente, depois de ter calculado a derrota do inimigo.⁴¹

* * *

A primeira fase da invasão consumiu tempo e energia demais, combatentes e equipamentos demais, o que tornou inviável levar o plano da guerra-relâmpago até o final planejado. Ao chegarem em Leningrado e em Moscou, os alemães estavam desfalcados e exaustos. E encontraram duas fortalezas. Na expressão de Júkov, a União Soviética tornara-se um grande acampamento militar. O povo russo havia decidido não desaparecer.

Foram 900 dias de cerco em Leningrado (setembro de 1941 a janeiro de 1944), com a população dependendo, principalmente, de abastecimento pelo ar. Mais de 640 mil pessoas morreram, principalmente de fome, mas a cidade não se rendeu.

Com mais de 3 milhões de habitantes, Leningrado era a segunda maior cidade da União Soviética, berço da Revolução, importante centro político, econômico, cultural e industrial, além de porto marítimo e sede da poderosa Frota do Báltico, que não poderia operar por muito tempo sem suas bases em terra. Em caso de queda, os soviéticos haviam planejado explodir as instalações militares e industriais da cidade.

O plano nazista era obter uma vitória rápida que lhes permitisse liberar contingentes para criar, a partir do norte, uma nova frente contra Moscou, o que esgotaria as reservas estratégicas do Quartel-General Soviético. O plano se frustrou pela tenaz resistência contra as investidas por terra, os bombardeios e a fome, com ampla participação da população civil. Os homens formaram milícias, posicionadas em profundidade, enquanto mulheres, crianças e idosos trabalhavam em funções de apoio e no manejo da defesa aérea. Cerca de 400 grupos guerrilheiros atuavam na retaguarda alemã.

Dois oficiais soviéticos descreveram a defesa da cidade:

Uma massa tremenda de canhões ficava parcialmente disfarçada, todos em boa posição para observar o inimigo e invulneráveis aos seus obuses. Os canhões pareciam ter nascido do solo, envolvidos em concreto e revestidos de aço. Os artilheiros, com auxílio dos engenheiros, construía abrigos e trincheiras com os materiais do lugar. Canhões colocados em posição de tiro direto, dentro de pontos fortes de defesas antitanques, preparavam-se para o tiro em massa contra qualquer ponto da frente.⁴²

Júkov, que também estava lá, escreveu:

Não raro, divisões inteiras, incluindo regimentos de artilharia, foram colocadas em posição de combate aberto, destruindo pelo fogo direto o inimigo que avançava. Somente em Ligovo-Pulkovo, colocamos mais de 500 peças de artilharia em posição de tiro direto.⁴³

Não foi uma situação única. O historiador francês Raymond L. Garthoff diz que, durante a guerra, aproximadamente 25% da artilharia soviética foram usados em fogo direto, em

distâncias de 20 a 900 metros, principalmente nas batalhas defensivas, mas também, depois, em Berlim.

Em 9 de agosto de 1942, dia em que Hitler havia marcado um banquete para comemorar a esperada queda da cidade, músicos militares e sobreviventes da Orquestra da Rádio local, sob a direção do maestro Karl Eliasberg, realizaram no Teatro Púshkin a primeira audição mundial da Sinfonia n. 7 de Shostakovich, denominada *Leningrado*. Durante os ensaios, os músicos frequentemente desmaiavam de fome, especialmente os que tocavam instrumentos de sopro, e três deles morreram. Logo antes do concerto, as forças soviéticas realizaram fortes bombardeios para forçar as tropas alemãs a buscarem abrigo e ficarem em silêncio durante a apresentação. A sinfonia foi transmitida às tropas soviéticas por rádio e à cidade e às tropas alemãs por alto-falantes.

* * *

Os soviéticos não podiam romper o cerco e os alemães não conseguiam entrar na cidade. Durante esse impasse, a aviação soviética de reconhecimento identificou um grande movimento de colunas motorizadas e blindadas partindo de Leningrado na direção de Moscou. Os alemães haviam decidido começar logo a nova fase da batalha pela capital.

A defesa de Moscou se organizava em três frentes — Ocidental, Reserva e de Bryansk —, que somavam 1,25 milhão de homens, 990 blindados, 7,6 mil peças de artilharia e morteiros e 667 aviões militares. O comando soviético identificou corretamente a concentração dos destacamentos alemães e as direções dos ataques principais, pelo norte e pelo sul. As principais unidades de tanques foram dispostas nas direções mais sensíveis. Os moradores formaram Divisões de milícias populares, com unidades especiais de exploradores, sapadores e esquiadores que faziam a ligação com os grupos guerrilheiros que atuavam na retaguarda.

Centenas de milhares de cidadãos trabalharam dia e noite na construção de linhas defensivas em torno da capital. Somente no cinturão interno havia 250 mil pessoas, das quais 3/4 mulheres e adolescentes que cavaram 72 km de valas antitanques, 80 km de fossos com escarpas, 52 km de obstáculos, 128 km de trincheiras, removendo 3 milhões de m³ de terra com pás e carrinhos de mão. Fábricas de automóveis produziam metralhadoras, fábricas de válvulas produziam rolamentos, fábricas de relógios produziam detonadores de minas, oficinas de automóveis consertavam tanques, fábricas de alimentos infantis faziam rações para soldados, e assim por diante. Stalin e as demais lideranças permaneceram na cidade, mesmo quando a vanguarda alemã já avistava, com binóculos, as torres do Kremlin.

Nas suas memórias, Júkov escreveu:

Em 1º de novembro de 1941, fui chamado ao Quartel-General do Comando Supremo. Stalin me disse:

— Queremos realizar em Moscou uma parada militar para comemorar a Revolução de Outubro. Você acha que a situação na frente permitirá isso?

— Nos próximos dias — respondi —, o inimigo não lançará nenhuma grande ofensiva. Ele sofreu grandes perdas nas batalhas anteriores. Precisa se reabastecer e reagrupar as tropas. Podemos reforçar a defesa aérea e trazer para Moscou a aviação de caça das frentes vizinhas para se opor à aviação inimiga, que certamente vai atuar.

[...] Foi assim que, em 7 de novembro [data da Revolução pelo novo calendário], houve a tradicional parada militar na Praça Vermelha. Os soldados seguiram diretamente do desfile para o front. Foi um evento fundamental para o fortalecimento moral do Exército e do povo.⁴⁴

O destacamento mais poderoso da defesa aérea soviética estava baseado em Moscou, que em julho de 1941 já contava com 585 aviões de caça, 964 canhões antiaéreos e outros artefatos, inclusive grande número de balões de observação. Por isso, a poderosa Força Aérea nazista nunca foi capaz de causar danos sérios à capital, conseguindo êxito em apenas 2% a 3% de suas incursões.

* * *

Logo apareceram na batalha de Moscou os novos tanques T-34, o que levou o general Heinz Guderian a reconhecer que os alemães haviam perdido a superioridade em blindados: “Desapareceram as perspectivas de sucesso rápido”, escreveu. Tinha razão. Nos primeiros 20 dias da ofensiva, os alemães perderam 155 mil homens, cerca de 800 blindados, centenas de peças de artilharia e grande número de aviões.

Sobre o papel do clima, Júkov escreveu:

Obviamente, as condições do tempo desempenham seu papel em qualquer ação militar, mas isso afeta ambos os lados. Se os nazistas foram mais afetados foi porque o competente Estado-Maior do seu Exército acreditou que derrotaria a União Soviética em uma campanha de poucos meses, que no inverno já estaria encerrada. No mesmo degelo e na mesma lama que afetavam os alemães estavam milhares de moradores de Moscou, especialmente mulheres, cavando valas e trincheiras, construindo cercas e transportando sacos de areia. A lama grudava nos pés, nas pás e nas rodas dos carrinhos de mão.

Em outubro de 1941 o degelo começou a diminuir, e no início de novembro vieram o frio e a neve, o que tornou as estradas transitáveis novamente. Durante os dias da ofensiva geral de novembro, a temperatura variou entre 7 e 10 graus negativos, o que acaba com a lama.⁴⁵

* * *

Com o impasse em Leningrado e a derrota em Moscou, os alemães foram forçados a travar outro tipo de guerra. Apesar de ainda poderosa, a Alemanha não tinha mais condições de atacar em todas as direções estratégicas, como em 1941. Hitler decidiu, então, concentrar forças na conquista de regiões economicamente relevantes, para só depois voltar a pressionar Leningrado e Moscou.

Stalingrado tornou-se o alvo principal. O porto fluvial controlava o grande fluxo de cargas pelo rio Volga e era local de passagem para o petróleo do Cáucaso. Em 29 de agosto, Júkov voou para a cidade, já reduzida a um monte de escombros pela aviação alemã. Em 3 de setembro, recebeu um telegrama de Stalin:

A situação piorou. O inimigo está a 3 milhas da cidade, que pode cair hoje ou amanhã se o destacamento de tropas do norte não apoiá-la imediatamente. Exija dos comandantes de tropas ao norte e ao noroeste que ataquem imediatamente o inimigo e venham em apoio aos habitantes. Qualquer atraso é inaceitável. Use toda a aviação no apoio à cidade. A força aérea remanescente em Stalingrado é muito pequena.⁴⁶

Júkov cumpriu a ordem, sabendo que as tropas lutariam quase sem munição. Foi uma batalha feroz, casa a casa, em que as instalações disputadas trocavam de mãos várias vezes num mesmo dia. Foi necessário bastante tempo para romper o equilíbrio de forças, mas, afinal, com a chegada de tropas de reserva, os soviéticos montaram um rolo compressor com 2 para 1 na infantaria, em tanques e em aviões e quase 3 para 1 na artilharia. Sobre o golpe final, o coronel Zamiatin escreveu:

Se tivéssemos investido apenas em uma direção, os alemães teriam podido, em dois dias, ter concentrado pelo menos seis divisões, inclusive quatro de tanques, contra esse local de ruptura. Como as linhas foram rompidas em vários lugares de uma só vez, o Alto Comando Alemão tornou-se incapaz de adotar boas manobras. Além disso, em muitos lugares a nossa penetração atingiu 40 km, de modo que as unidades do Exército inimigo perderam o contato entre si. E, por termos organizado a nossa ofensiva ao longo de uma frente de 400 km, impedimos que as unidades de reconhecimento do inimigo percebessem alguma concentração de forças em um ponto qualquer. Operamos na base do segredo e da surpresa.⁴⁷

Entre 31 de janeiro e 2 de fevereiro de 1943 renderam-se os remanescentes do VI Exército alemão, comandado pelo marechal de campo Von Paulus. Até então, nenhum marechal de campo alemão havia se rendido ao inimigo, em toda a história. Para encobrir este fato inédito, a imprensa alemã anunciou a morte de Von Paulus, e o governo lhe prestou homenagens póstumas (na verdade, o marechal ficou preso na União Soviética até 1954, quando foi libertado).

O general Rokossovsky descreveu assim a rendição de Von Paulus:

Tropas do LXIV, LVII e XXI Exércitos forçaram o inimigo a baixar as armas em 31 de janeiro. O marechal de campo Von Paulus foi feito prisioneiro com seu estado-maior e levado imediatamente para o nosso quartel-general, onde estávamos eu, o marechal N.N. Voronov e um intérprete. A sala tinha luz elétrica. Estávamos sentados diante de uma pequena mesa. A porta se abriu e o oficial de plantão introduziu o marechal de campo. Diante de nós estava um homem alto, magro e atarracado, vestindo uniforme de general, de pé e parecendo severo. Seu comportamento denotava uma tensão enorme que ele não podia esconder. Um tique nervoso contraía seu rosto. Parecia que ele estava esperando algo muito ruim acontecer. Convidei calmamente Von Paulus a sentar-se à mesa. Depois de olhar para a esquerda e para a direita, ele se sentou timidamente. Sobre a mesa havia charutos e cigarros. Eu estava fumando e o convidei a acompanhar-me. Ele fez isso imediatamente, e com um gole só bebeu uma xícara de chá quente. Estava febril. O movimento do rosto e o tremor das mãos não paravam.

* * *

Deixara de existir o maior grupamento de forças reunido pela Alemanha nazista: desapareceram 32 Divisões e 3 Brigadas, enquanto outras 16 Divisões perderam entre 50% e 75% dos seus combatentes. A Alemanha perdeu 1,5 milhão de homens, 3,5 mil blindados, 12 mil peças de artilharia e morteiros, 3 mil aviões e outros equipamentos. A situação estratégica da guerra começara a se inverter.

A vitória em Stalingrado foi seguida de vitórias menores, mas significativas, que forçaram um amplo recuo do Exército invasor. Nesse contexto, o Alto Comando alemão organizou contra-ataques que culminariam com a eliminação do saliente de Kursk. Em 8 de abril, Júkov telegrafou a Stalin:

Em algum momento o inimigo desencadeará grandes operações ofensivas contra as nossas Frentes Central e Sudoeste. Se derrotar nossas forças nessa zona de ação, terá liberdade de manobra para envolver Moscou pela rota mais curta. Aparentemente, na primeira fase o inimigo reunirá o máximo de suas forças, incluindo 13 a 15 Divisões Blindadas. Com apoio de grande quantidade de aviões, lançará um ataque. Com seu destacamento de Orel-Krom envolverá Kursk pelo nordeste e com o destacamento de Belgorod-Kharkov virá pelo sudeste.⁴⁸

A avaliação de Júkov era absolutamente certa. Uma semana depois, Hitler enviou uma mensagem ultrassecreta para os generais do Alto Comando, tratando de uma ofensiva com o nome em código de Cidadela:

O objetivo da ofensiva é um ataque concentrado, rápido e decisivo, com um Exército de assalto partindo de Belgorod e outro do sul de Orel para cercar e destruir as tropas em Kursk por meio de um duplo envolvimento.⁴⁹

* * *

Os dois lados avaliavam que esta batalha poderia redefinir a situação geral do conflito. Um ataque bem-sucedido das forças alemãs tornaria possível a preparação de uma nova contraofensiva na direção de Moscou, enquanto uma vitória soviética criaria condições para libertar a região do Donbass, a fronteira ocidental da Ucrânia e o leste da Bielorrússia, tornando possível planejar, adiante, a tomada de Berlim. A segurança das duas capitais estava em jogo.

Cada lado concentrou lá a elite dos seus generais: Júkov, Vatutin, Rokossovsky e Konev chefiavam as tropas soviéticas, enquanto Von Manstein, Zeitzler, Hoth e Model comandavam os alemães.

Hitler mobilizou 900 mil homens para a operação Cidadela, divididos entre as suas 50 melhores Divisões, sendo 16 delas blindadas e mecanizadas. Completavam as tropas 11 batalhões blindados, 2,9 mil tanques e mais de 2 mil aviões, equivalentes a 60% do poderio aéreo alemão no Leste. Os soviéticos não ficaram atrás: 940 mil homens, 3,2 mil tanques, 9,5 mil armas pesadas e 2,1 mil aviões.

O movimento guerrilheiro foi mobilizado, primeiro fornecendo informações sobre a localização e os movimentos de tropas, depois em ações de sabotagem realizadas em grande escala. Júkov avalia que atrás das linhas inimigas estavam ativos mais de 120 mil guerrilheiros, divididos em cerca de 650 grupos. Veio deles, em 2 de julho, a informação de que as tropas alemãs começavam a se posicionar para a ofensiva. Na madrugada de 5 de julho, os soviéticos se anteciparam.

Júkov estava lá e conta:

Às 02:20h foi dada a ordem para iniciar a contrapreparação da artilharia. Tudo se revirou. Ecoou um terrível rugido. Começava a grande batalha de Kursk. Ao som dessa sinfonia infernal, uniram-se os disparos da artilharia pesada, explosões das bombas da aviação, foguetes M-31 Katyusha e o ininterrupto ronco dos motores das aeronaves. As forças inimigas estavam a menos de 20 km de distância de nós. Ouvíamos e sentíamos os fogos pesados e, sem querer, pairava em nossas mentes o terrível quadro que se instalou na cabeça de ponte inimiga, atingida de maneira inesperada pelo furacão dos fogos da contrapreparação.⁵⁰

Na sequência dos acontecimentos, ocorreu nas regiões de Kursk, Orel e Belgorod a maior batalha de tanques da história, entre 5 de julho e 23 de agosto de 1943. Os alemães confiavam no sucesso dos seus tanques Ferdinand, de grande calibre, enquanto os soviéticos apostavam na agilidade dos T-34. No auge da batalha, entre 2 mil e 3 mil tanques combatiam tão próximos entre si, misturados uns com os outros, que as respectivas forças aéreas não podiam atuar.

A elite restante das forças alemãs foi derrotada.

* * *

Em dezembro de 1943, a liderança soviética analisou globalmente o cenário, levando em conta meios materiais, localização das tropas, reservas e moral, e concluiu que o ponto de inflexão da guerra havia sido alcançado. A União Soviética alcançara superioridade militar e econômica. Tratava-se, agora, de transformar essa vantagem potencial numa estratégia segura, a ser implantada no ano seguinte.

Alguns generais propuseram uma marcha mais ou menos direta em direção a Berlim, mas Júkov foi contra, ainda temendo contra-ataques. O Estado-Maior definiu, então, os dez passos que o Exército Vermelho deu, ao longo de 1944, antes de conquistar a capital do Terceiro Reich:

1. A contraofensiva em Leningrado e Novgorod em janeiro, quando as tropas soviéticas finalmente romperam o cerco e tomaram a iniciativa no Báltico (em 18 de janeiro de 1944, dia em que o cerco de Leningrado foi finalmente rompido, Júkov recebeu a patente de Marechal da União Soviética).

2. A vitória nas operações ofensivas em fevereiro e março na fronteira oriental da Ucrânia.

3. A libertação de Odessa, de Sevastopol e da Crimeia em abril e maio.

4. A libertação de grande parte da Karelia, que enfraqueceu as tropas alemãs no Ártico e colocou a Finlândia (aliada da Alemanha) em posição vulnerável.

5. A libertação da Bielorrússia, do Leste da Polônia e da maior parte da Lituânia em junho e agosto, com a vitória sobre 20 Divisões de elite do poderoso Grupo de Exércitos Centro do Exército alemão.

6. A passagem do rio Vístula, na região de Lvov, na Ucrânia, com o estabelecimento de duas bases de operações no sul de Varsóvia, pontos de apoio para o futuro ataque a Berlim.

7. O cerco e a vitória sobre as forças alemãs na Moldávia e na Romênia, com destruição de 22 Divisões alemãs, e o apoio à revolução popular na Bulgária.

8. A libertação da Estônia e de grande parte da Letônia no outono, emparedando as tropas alemãs contra o Mar Báltico e forçando a Finlândia a assinar um cessar-fogo.

9. Entre agosto e dezembro, a ultrapassagem dos rios Tisza e Danúbio, na Hungria, e o apoio direto à resistência iugoslava, que libertou Belgrado.

10. A expulsão das tropas alemãs do Ártico soviético e da região nordeste da Noruega em outubro.

* * *

Ao Terceiro Reich restava apenas uma opção: produzir em Berlim uma “Stalingrado às avessas”, derrotando o Exército Vermelho na luta urbana para poder barganhar uma rendição negociada, preferencialmente, com americanos e ingleses.

Com a aproximação do Exército Vermelho, a população foi advertida da iminência de intensos combates, que seriam travados nos subsolos, na superfície e no ar. As redes de metrô e de esgotos teriam papel decisivo no deslocamento de tropas. As forças remanescentes da Wehrmacht e das SS foram concentradas na cidade, acrescidas de unidades de Polícia e de 200 novos batalhões. Mais de 400 mil pessoas foram mobilizadas, com bairros residenciais transformados em fortalezas, abrigando tanques profundamente entrinheirados. A Juventude Hitlerista foi armada com lança-rojões antitanques. Toda a artilharia antiaérea disponível foi trazida, não só apontada para o ar, mas também preparada para efetuar tiros diretos em tropas de infantaria e em blindados nas ruas.

Contra isso, Júkov planejou um ataque devastador. O Regulamento de Combate da Artilharia Soviética estipulava como norma de ataque concentrar 60 a 80 canhões por km na largura da frente. Nas principais batalhas, essas normas sempre foram ultrapassadas, com 365 peças por km de largura em Stalingrado. Em Berlim, foram 670 peças por km de largura, o que dá uma ideia da intensidade de fogo alcançada. Depois de todos os cuidados na preparação da ofensiva, ela deveria irromper com força máxima, com dezenas de milhares de canhões, bem como suas unidades de apoio.

O início da operação exigia que 7,1 milhões de projéteis de artilharia estivessem disponíveis nas baterias. O esforço de logística foi sem precedentes: “Se dispuséssemos em uma linha reta os trens com as cargas embarcadas para esta operação, eles se estenderiam por mais de 1,2 mil km.”⁵¹

Foram construídas 25 pontes e 40 passarelas flutuantes sobre o rio Oder: “Os trabalhos de construção da engenharia realizavam-se muito próximos das linhas de frente, sob disparos da artilharia e investidas da aviação inimiga”, exigindo “cobertura de múltiplos fogos de baterias antiaéreas e patrulhamento contínuo por dezenas de aviões de caça”. Na batalha de Berlim, o Exército Vermelho usou 8,4 mil aviões, que realizaram 70 mil saídas de combate.

* * *

Em 16 de abril, as tropas ouviram em silêncio a ordem do dia:

Soldados, sargentos, oficiais e generais. Queridos camaradas.

Chegou a hora da batalha decisiva, na capital do Estado fascista alemão. [...] Suas unidades cobriram-se de glória eterna. Para vocês, não houve obstáculos nos muros de Stalingrado, nas estepes da Ucrânia, nas florestas e pântanos da Bielorrússia. Vocês também não foram detidos pelas poderosas fortificações que superaram para chegar aqui.

Berlim encontra-se à sua frente, heróis soviéticos. [...] O Conselho Militar acredita que os gloriosos militares da Primeira Frente da Bielorrússia cumprirão honrosamente a missão que receberam e com uma nova vitória erguerão a sua bandeira de batalha.

Avante, ao assalto a Berlim!

Marechal da União Soviética G. Júkov

Notas

¹ Tukhachevsky, “O Exército Vermelho e a milícia”, janeiro de 1921, citado em Eric Wollemborg, *O Exército Vermelho*. Londres, 1940, p. 171-173.

² Stalin, *Obras escolhidas*, v. 4, 1947.

³ Trotsky, discurso em 21 de abril de 1918, *Obras escolhidas*, v. 17, Moscou-Leningrado, 1926, p. 236.

⁴ Mikhail Frunze, “A reorganização do Exército Vermelho”, citado por Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 1.

⁵ *Truppenführung: On German Art of War*. Londres, Lynne Rienner Publishers, 2001.

⁶ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 1.

⁷ Raymond L. Grathoff, *A doutrina militar soviética*, Biblioteca do Exército, 1957, v. 1.

⁸ R. J. Sontag J. S. Beddie (orgs.), *Relações germano-soviéticas, 1939-1941, documentos de arquivos alemães*. Departamento de Estado, Washington D.C., 1948.

⁹ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 1.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Raymond L. Grathoff, *A doutrina militar soviética*, Biblioteca do Exército, 1957, v. 2.

¹⁶ E. A. Shilovsky, *A arte militar do Exército Vermelho*, FLPH, Moscou, 1944.

¹⁷ Carl von Clausewitz, *A campanha de 1812 na Rússia*. Martins Fontes, São Paulo, 1994.

¹⁸ Regulamento de Campanha de 1940, citado por Raymond L. Grathoff.

¹⁹ 5. *Truppenführung: On German Art of War*. Londres, Lynne Rienner Publishers, 2001.

²⁰ Joachin Fest, *Hitler*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973.

²¹ Ibid.

²² Ibid.

²³ Ibid.

- ²⁴ Franz Halder, *Kriegstagebuch, 1939-1942*. Stuttgart, 1962.
- ²⁵ Adolf Hitler, *Hitler Tischgespräche, 27/06/1941*, Athenäum-Verlag, Bonn, 1951.
- ²⁶ Ibid.
- ²⁷ Adolf Hitler, *Völkischer Beobachter*, 05/10/1941.
- ²⁸ Isaac Deutscher, *Stalin, uma biografia política*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- ²⁹ Ibid.
- ³⁰ Carl Schmitt, *O nomos da Terra no jus publicum aeuropaeum*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016.
- ³¹ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 1.
- ³² Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 2.
- ³³ Stalin, “Na guerra patriótica”, *Obras escolhidas*, v. 4, 1947.
- ³⁴ Franz Halder, *Kriegstagebuch, 1939-1942*. Stuttgart, 1962.
- ³⁵ Martel, “Um soldado falando francamente seus pontos de vista e suas memórias”, citado em Raymond L. Grathoff, *A doutrina militar soviética*.
- ³⁶ Lidell Hart, *Os generais alemães falam*, citado em Raymond L. Grathoff, *A doutrina militar soviética*.
- ³⁷ Heinz Guderian, “Indicações de ataques russos de ruptura”, *Exércitos estrangeiros no Oriente*, n. 7.290/44, 28 de agosto de 1944.
- ³⁸ Major-General Formichenko, *O Exército Vermelho*. Londres, Hutchinson & Co., 1945.
- ³⁹ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 1.
- ⁴⁰ Regulamento de Combate do Exército Vermelho, 1936, citado por Raymond L. Grathoff.
- ⁴¹ Major-General Talensky, *Bol'shevik*, n. 10, 1945, citado por Raymond L. Grathoff.
- ⁴² N. I. Tikhonov, *A defesa de Leningrado*. Londres.
- ⁴³ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 1.
- ⁴⁴ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 2.
- ⁴⁵ Ibid.
- ⁴⁶ Ibid.
- ⁴⁷ Major-General N. M. Zamiatin, “O golpe do saliente”, *Voenaia Mysl*, n. 5, maio de 1945.
- ⁴⁸ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 2.
- ⁴⁹ Joachim Fest, *Hitler*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1973.
- ⁵⁰ Georgy Júkov, *Memórias e reflexões*, Biblioteca do Exército, 2015, v. 2.
- ⁵¹ Ibid.